

Boletim

Nº 2.078 - Ano 46 - 28 de outubro de 2019

75 COM CABEÇA DE 55

Os chamados superidosos – pessoas com mais de 75 anos que apresentam desempenho cognitivo semelhante ao de homens e mulheres 20 anos mais jovens – começam a ser estudados no Brasil. Pesquisa da Faculdade de Medicina revelou maior capacidade de memorização e menor frequência de sintomas depressivos em indivíduos com esse perfil etário no município de Caeté (MG).

Página 5

BARREIRAS atitudinais e a INCLUSÃO de pessoas com deficiência

Fabiane Maria Silva*, Fernanda Maria Franco** e Maria Angélica da Silva***

“Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades.” (Boaventura de Sousa Santos)

Recente levantamento da Organização Internacional do Trabalho constatou que cerca de 10% da população mundial é composta de pessoas com deficiência – 72% delas estão em idade produtiva. O Brasil tem cerca de 45,6 milhões de pessoas com pelo menos algum tipo de deficiência, o que representa 23,9% da população nacional. Os dados demonstram que esse grupo de pessoas corresponde a uma parcela muito significativa da população brasileira e ganham ainda outras proporções se considerarmos que grande parte das atividades sociais não está acessível a elas.

No Brasil, as pessoas com deficiência são amparadas pela lei brasileira de inclusão (Lei Federal 13.146, de 6 de julho de 2015), destinada a assegurar às pessoas com deficiência o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais, visando à sua inclusão social e cidadania. No âmbito profissional, a política de cotas expressa na Lei Federal 8.213/91 e no Decreto 3.298/99 destina-lhes um percentual de reserva de vagas, variável de acordo com o número de empregados em instituições com 100 ou mais funcionários em seu quadro. A Lei Federal 7.853/89, regulamentada por esse mesmo decreto, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa com Deficiência e representa mais um avanço em termos de garantia de direitos. Contudo, apesar dos avanços na legislação, destaca-se que o seu cumprimento apenas possibilita a inserção das pessoas com deficiência nos ambientes, e não a inclusão em si. A inclusão depende da disposição da sociedade em contemplar as necessidades de seus indivíduos.

Os estigmas e preconceitos em relação às pessoas com deficiência contribuem para a materialização da discriminação em razão da existência de uma deficiência, independentemente do seu tipo ou do grau de limitação. Durante algum tempo, essas pessoas foram vistas como impossibilitadas de aprender e

de exprimir conhecimento. A elas é negado o acesso à cultura, ao lazer e à educação.

Da mesma maneira, constata-se que as atitudes diante das semelhanças e diferenças dos indivíduos têm-se tornado algo emblemático na história da humanidade, o que resulta na constituição e manutenção de padrões que se materializam nos binômios normal-anormal, bom-ruim, capaz-incapaz, entre outros, e na desqualificação de alguns sujeitos para exercer uma atividade ou ocupar e frequentar determinado espaço.

“Os estigmas e preconceitos em relação às pessoas com deficiência contribuem para a materialização da discriminação em razão da existência de uma deficiência, independentemente do seu tipo ou do grau de limitação”

No entendimento da Organização das Nações Unidas (ONU), deficiência é um conceito em evolução, resultado da interação das dificuldades físicas, intelectuais e sensoriais de uma pessoa com as barreiras que dificultam sua participação na sociedade. Barreiras atitudinais referem-se a comportamentos e atitudes que impedem ou dificultam a participação plena, o exercício da cidadania, a inclusão educacional e o empoderamento da pessoa com deficiência. Elas estão presentes nos discursos pejorativos e, por isso, excludentes. Quanto mais obstáculos, principalmente em relação às atitudes, mais difícil será a inclusão da pessoa nos diversos ambientes sociais.

Dessa forma, as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com deficiência não são apenas as barreiras físicas que impedem a sua acessibilidade e inclusão na sociedade, mas, principalmente, as barreiras atitudinais que estão esteadas nos preconceitos, estereótipos e estigmas que definem e marcam a sua identidade ao longo da história, e, por conseguinte, são geradoras de novas formas de discriminação e segregação social.

Frente a essa realidade, discutir barreiras atitudinais nos impulsiona a refletir sobre nossas ações diante de nós mesmos e do outro. O que carregamos dentro de nós que impede a desconstrução de conceitos, valores e atitudes sobre a diversidade humana? A materialização dessas barreiras representa obstáculos diante da construção de uma consciência inclusiva.

Por fim, parafraseando o educador Paulo Freire, “a inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades”. Assim, além da inclusão, é necessária uma mudança não só de ações, mas de valores e concepções em relação às pessoas com deficiência, de modo que mais oportunidades para desenvolver suas potencialidades sejam-lhes oferecidas.

*Assistente social da Divisão de Acompanhamento Funcional do Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos da UFMG

**Psicóloga da Divisão de Acompanhamento Funcional do Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos da UFMG

***Assistente social da Divisão de Acompanhamento Funcional do Departamento de Desenvolvimento de Recursos Humanos da UFMG

À beira do ESQUECIMENTO

Vencedora do Grande Prêmio de Teses, pesquisa etnográfica em Miguel Burnier, distrito de Ouro Preto, revela o processo de supressão da identidade local provocado pela expansão da mineração

Matheus Espíndola

A expansão da atividade minerária em grande escala na região do Quadrilátero Ferrífero-Aquífero, em Minas Gerais, tem provocado inúmeras situações de conflito – especialmente em razão das bruscas alterações do meio ambiente, dos modos de vida locais e da destruição do patrimônio cultural, que se desdobram em disputas territoriais e pelo direito à memória.

A situação de Miguel Burnier, o maior distrito de Ouro Preto, é emblemática desse tipo de relação. “Fiquei impactada ao deparar com aquela terra arrasada”, testemunha a antropóloga Luana Carla Martins Campos Akinruli, que chegou ao distrito em 2011, a serviço do Ministério Público Estadual, com a tarefa de elaborar um laudo antropológico sobre a localidade.

Segundo a pesquisadora, o início das operações de mineração da Gerdau, em 2003, deu deflagrou “uma afluência de arruinamentos sucessivos e repentinos” no distrito. “É análogo a uma tática de guerra: ao se apropriar do território, a empresa, aos poucos, vai minando a identidade e a memória da comunidade. O objetivo último é fazer a população deixar o local, abrindo o caminho para a atividade exploratória”, explica.

Luana Akinruli é autora da tese *A desconstrução do esquecimento em contexto de conflito ambiental: arqueologia e etnografia da comunidade de Miguel Burnier, Ouro Preto, Minas Gerais*, defendida em 2018 no Programa de Pós-graduação em Antropologia, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. O trabalho foi o vencedor do Grande Prêmio Teses de 2019, na área de Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes.

O estudo de caso foi ancorado em minuciosa revisão histórica, retomando os primórdios da atividade mineradora no estado, que tem estreita relação com a Inconfidência Mineira, no século 18. “Os inconfidentes se reuniam na Fazenda dos Caldeirões, da família Álvares Maciel, em Miguel Burnier. Nas imediações, foi fundada a primeira fábrica de ferro do país. A commodity, conforme eles planejaram, daria subsídio econômico para o Brasil se tornar independente de Portugal”, relata Luana.

Além da pesquisa histórico-documental e de prospecções arqueológicas, Luana Akinruli realizou geoprocessamento e estudo

etnográfico para a construção de “uma narrativa desenvolvida junto com a comunidade e a seu serviço”. De acordo com a autora, foi demonstrado que, dos 195 quilômetros quadrados do território de Miguel Burnier, hoje só restam seis quilômetros quadrados de área aberta para o fluxo de vida da comunidade. A rede de infraestrutura, incluindo estradas, escolas e unidades de saúde pública, também foi significativamente modificada.

“A Gerdau estrangulou a comunidade a ponto de tirar das pessoas as referências de memória. Durante a pesquisa de campo, os moradores indicavam os locais onde antes existiam elementos da vida cotidiana, como um campo de futebol, uma igreja ou uma rua cheia de casas. Se você destrói os locais que as pessoas frequentam, perde-se a relação de convívio com vizinhos e a identidade da comunidade. Então não há mais por que viver mais ali”, argumenta a antropóloga.

Resistência

Segundo Luana Akinruli, o poder público tende a ser conivente com as aspirações das mineradoras, já que o patrimônio cultural figura, em geral, como impedimento para o desenvolvimento econômico em regiões de mineração. “Estudos técnicos de viabilidade ambiental costumam desqualificar as referências culturais, porque há vínculos econômicos diretos entre as consultorias e as empresas contratantes”, denuncia a antropóloga.

A autora explica que um dos propósitos de seu trabalho é dar vazão às demandas dos moradores que ainda lutam pela preservação do distrito. “Alguns estão resistindo, mas é difícil. Requer conscientização e protagonismo dos moradores”, enfatiza. A comunidade, segundo a autora, reage de forma criativa por meio não só das ferramentas legais, mas também das simbólicas. “Torneios de futebol e festivais culturais são promovidos para atrair as pessoas e reafirmar a identidade do distrito. Além disso, a comunidade busca divulgar o circuito turístico que pode ser desfrutado em Miguel Burnier, onde há um rico acervo patrimonial de igrejas e outros elementos que retratam a história da mineração, da siderurgia e das ferrovias de Minas Gerais”, enumera.

Por outro lado, diante dessa perda de identidade do local, muitas famílias já desistiram de viver no distrito. “Existe uma crise de representatividade, e falta coesão para que a população organize suas demandas. Por isso, a sobrevivência da comunidade é cada vez mais incerta”, problematiza a pesquisadora.



Manifestação religiosa no distrito de Miguel Burnier: memória ameaçada

Tese: *A desconstrução do esquecimento em contexto de conflito ambiental: arqueologia e etnografia da comunidade de Miguel Burnier, Ouro Preto, Minas Gerais*

Autora: Luana Carla Martins Campos Akinruli

Orientador: Carlos Magno Guimarães

Defesa: 27 de junho de 2018, no Programa de Pós-graduação em Antropologia, da Fafich

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou tréplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

PRESENÇA no CURRÍCULO

Resolução do Cepe regulamenta integralização mínima de 10% da carga horária dos cursos de graduação por meio da Formação em Extensão Universitária

Eduardo Maia*

Laçado em maio deste ano por estudantes da UFMG egressos de escolas públicas, o projeto de extensão *Face educa*, vinculado à Face, é fruto do idealismo de alunos de 20 cursos da UFMG – muitos deles passaram por cursos pré-universitários, populares e solidários –, que se uniram para concretizar o sonho de outras pessoas de também ingressar em uma universidade pública.

No âmbito dessa iniciativa, estudantes e ex-estudantes voluntários da Universidade, sob a orientação de professores, oferecem aulas gratuitas a alunos oriundos de várias partes da Região Metropolitana de Belo Horizonte. O objetivo é preparar essas pessoas para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), especialmente alunos de escolas públicas. Os atuais 55 extensionistas se orgulham da participação, como o estudante João Pedro Panza, do quinto período do curso de Ciências Econômicas. “Temos contato com uma gama de processos para operacionalizar as aulas: da seleção dos alunos a questões pedagógicas, marketing, recursos humanos, entre outras experiências essenciais para nosso desenvolvimento”, afirma João Pedro.

Em 2019, a proposta do *Face educa* de democratizar o acesso ao ensino superior rendeu-lhe o prêmio *Destaque da Extensão*, no 22º Encontro de Extensão, mostra que integrou a programação da última edição da Semana do Conhecimento.

Com o objetivo de reconhecer e fomentar experiências como essa, nas mais diversas áreas, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) aprovou, em 10 de outubro, novas diretrizes para a integralização das atividades de extensão à estrutura curricular dos 91 cursos de graduação. Entre as principais alterações estabelecidas pela Resolução 10/2019, está a determinação de que “a estrutura curricular de cada curso de graduação deverá prever a integralização do percentual mínimo de 10% (dez por cento) da sua carga horária total por meio da Formação em Extensão Universitária”.

Adaptação

De acordo com a regulamentação, os colegiados dos cursos de graduação têm prazo, até setembro de 2021, para reformular ou revisar os respectivos projetos pedagógicos a fim de atender ao percentual mínimo exigido para ações de extensão, por meio de programas, projetos, prestação de serviços, cursos e eventos. A resolução prevê

que essa exigência não poderá ser cumprida exclusivamente por meio de atividades nas modalidades curso e evento.

A decisão do Cepe será de grande importância para o cumprimento da Resolução do Conselho Nacional de Educação (07/18), que estabeleceu as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira. Ela fixou os 10% da carga horária curricular dos cursos de graduação em atividades de extensão.

No entanto, as discussões na UFMG sobre o reconhecimento da creditação curricular da extensão não são recentes. Segundo a pró-reitora de Graduação, Benigna Maria de Oliveira, a norma foi precedida de amplos debates que se estenderam por várias gestões da Universidade e de estudos feitos por grupo de trabalho formado por docentes e servidores técnico-administrativos das pró-reitorias de Graduação e de Extensão. “Levamos em consideração as diretrizes curriculares nacionais, a diversidade das áreas e cursos da UFMG e o mapeamento desenvolvido pela Pró-reitoria de Extensão, que concluiu que mais de 80% dos cursos da UFMG já preveem creditação de atividades de extensão, ao passo que outros desenvolvem ações isoladas que não são creditadas por seus colegiados”, explica.

Extensão mais robusta

Atualmente, a participação de discentes da UFMG em ações de extensão é creditada pelos respectivos colegiados. Entretanto, com a obrigatoriedade de uma previsão mínima dessas atividades nos currículos da gradua-

ção, essa creditação tende a incorporar-se, definitivamente, à cultura da instituição e à estrutura normativa. “A mudança chega para dar ainda mais robustez à cultura extensionista da UFMG, que está entre as mais abrangentes e diversificadas do país”, afirma a pró-reitora de Extensão, Claudia Mayorga. Segundo ela, a resolução “está de acordo com as metas da Política de Extensão da Universidade e fortalece uma dimensão acadêmica e cidadã indispensável à formação de discentes e à articulação integrada e indissociada com o ensino e a pesquisa”.

A pró-reitora Benigna Oliveira ressalta que as discussões ganharam força com a vigência, a partir deste ano, das novas Normas Gerais de Graduação da UFMG. Essas regras, segundo ela, regulamentaram e forneceram diretrizes para questões relacionadas ao regime didático-científico dos cursos de graduação, contribuindo, assim, para o processo de flexibilização.

Em 2018, a extensão da UFMG realizou aproximadamente 3 milhões de atendimentos. São 3.444 ações ativas – 68% delas em parceria com outros setores da sociedade –, que mobilizam sete mil estudantes e 2.424 docentes em ampla rede de iniciativas espalhadas pelas unidades e *campi* da Universidade.

A resolução, em vigor, está disponível no endereço eletrônico da Sods (www2.ufmg.br/sods/Sods).

***Jornalista da Assessoria de Comunicação da Pró-reitoria de Extensão**



Voluntários do *Face educa* e alunos beneficiados: democratização do acesso ao ensino superior

Divulgação | Projeto Face Educa

Os SUPERIDOSOS

Brasileiros de 75 anos ou mais com alto desempenho cognitivo são identificados entre grupos de pouca escolaridade

Laryssa Campos*

Pessoas acima de 75 anos de idade com desempenho da memória equiparável ao de homens e mulheres 20 anos mais novos são os chamados superidosos. O fenômeno, que vem sendo estudado há algum tempo em países ricos, agora também é objeto de pesquisas em países em desenvolvimento, em grupos de pessoas de baixa renda e com pouca escolaridade. Em seu trabalho de mestrado, no Programa de Pós-graduação em Ciências Aplicadas à Saúde do Adulto, da Faculdade de Medicina da UFMG, Karoline Carvalho Carmona alcançou resultados que indicam associação das características que definem os superidosos com menor frequência de sintomas depressivos.

Karoline analisou os dados do Pietà, projeto de investigação epidemiológica realizado com população de 75 anos de idade ou mais, em Caeté (MG), conduzido por pesquisadores da Faculdade de Medicina. Ela relata que esses idosos se destacam não apenas pela boa saúde cognitiva, mas por terem características únicas. “Eles têm desempenho melhor em testes de memória em comparação ao de pessoas da mesma faixa etária, e sua capacidade equipara-se à de indivíduos 15 a 20 anos mais jovens – em alguns casos, ainda mais novos”, enfatiza.

O neurologista Paulo Caramelli, professor do Departamento de Clínica Médica da Faculdade e orientador do estudo, atribui esses resultados a características cerebrais exclusivas. As pesquisas demonstram diferenças neurobiológicas no cérebro dos indivíduos com envelhecimento bem-sucedido. “Nessas pessoas existem áreas cerebrais específicas de maior espessura, assim como maior quantidade, nessas áreas, de um determinado subtipo de neurônios”, explica.

Influência genética

Para Karoline Carmona, também neurologista, o estudo é ainda mais relevante porque foi feito no Brasil, país em que a situação educacional é distinta das outras nações em que foram desenvolvidas pesquisas do gênero, e porque possibilita incluir dados sobre o país na literatura internacional especializada no tema. A pesquisadora diz que a maioria das pesquisas sobre esse grupo de pessoas

ocorre em países ricos, em que os participantes estudaram durante 15 a 17 anos. No estudo feito na Faculdade de Medicina, foram identificados superidosos com menos de três anos de frequência escolar.

“A média de escolaridade das pessoas pesquisadas por nós é de 2,7 anos, e havia também analfabetos”, informa Karoline. “A presença de indivíduos com tão baixa escolaridade, mas com alto desempenho cognitivo, reforça a participação de determinantes biológicos e genéticos no envelhecimento cerebral bem-sucedido. Mas não se pode excluir a importância da vida escolar, porque se trata, provavelmente, de relações multifatoriais”, ressalta a neurologista. De acordo com ela, são necessários novos estudos que sigam essa linha de raciocínio para confirmar ou não a influência da genética.



Karoline Karmona: superidosos com menos de três anos de escolaridade

A pesquisa de Karoline Carmona identificou que os superidosos apresentam frequência menor de sintomas depressivos, principalmente medo, sensação de inferioridade, de vida vazia e abandono de interesses. Essa é, segundo ela, uma novidade que deve ser considerada para estudos futuros, já que a relação entre a ausência de depressão e o envelhecimento cerebral bem-sucedido ainda não está bem descrita na literatura.

Karoline explica que alguns trabalhos demonstram a associação de sintomas depressivos com piora cognitiva em pessoas mais velhas. Cerca de 50% dos idosos com transtorno depressivo apresentam, por exemplo, pequena capacidade de planejamento e execução. “Entretanto, não encontramos a vinculação da ausência dos sintomas

depressivos com o envelhecimento cerebral bem-sucedido”, destaca a pesquisadora.

Avaliação de saúde e memória

Os indivíduos pesquisados responderam a um questionário socioeconômico e sobre hábitos de vida e foram submetidos a avaliação clínica, neurológica e neuropsicológica. Aqueles que não apresentaram comprometimento cognitivo realizaram o Teste de Aprendizagem Auditivo-verbal de Rey, para aferição da memória. Esse foi o principal teste utilizado para caracterizar os participantes do estudo como superidosos ou pessoas com envelhecimento cerebral dentro da média.

De acordo com Karoline Carmona, foram classificados como superidosos os indivíduos que se lembraram de mais de nove palavras,

valor esperado para idosos na faixa etária de 60 anos e saudáveis do ponto de vista cognitivo. Aos indivíduos que lembraram número menor de palavras foi atribuído envelhecimento cerebral habitual.

Para o professor Paulo Caramelli, o estudo pode contribuir para a melhor compreensão do envelhecimento cerebral, uma vez que deixa de relacionar adoecimento ao avanço da idade: “Há uma mudança de conceito. Muitas vezes, considera-se que o envelhecimento é necessariamente acompanhado de declínio cognitivo, mas há pessoas que mantêm desempenho excelente”, conclui.

***Estagiária de jornalismo do Centro de Comunicação Social da Faculdade de Medicina**

Dissertação: *Variáveis associadas ao envelhecimento cerebral bem-sucedido em uma amostra de idosos muito idosos da comunidade*

Autora: Karoline Carvalho Carmona

Orientador: Paulo Caramelli

Programa: Ciências Aplicadas à Saúde do Adulto

Da UFMG para o MUNDO

Fundada por professor do ICB, empresa pioneira no monitoramento do mosquito *Aedes aegypti* foi adquirida pela transnacional Rentokil, que atua em 78 países

Eliane Estevão

A Ecovec, spin-off nascida na UFMG e pioneira no monitoramento do mosquito *Aedes aegypti*, foi adquirida pelo Grupo Rentokil, líder mundial em controle de pragas. A negociação teve início em 2018, e a operação foi concretizada em julho deste ano, após *due diligence* (diligência prévia).

A Ecovec foi fundada há 17 anos pelo professor Alvaro Eduardo Eiras, do Departamento de Parasitologia do ICB, e por Paulo Renato Cabral e Alexandre Alves da Silva, do Instituto Inovação. A empresa já patenteou seis tecnologias, entre as quais está o MI-Aedes®, que possibilita, por meio de armadilhas, obter uma “fotografia” semanal da infestação do mosquito e da circulação viral que viabiliza o controle do vetor antes do surgimento de casos da doença em seres humanos. As armadilhas (Mosquitrap®), desenvolvidas para a captura de mosquitos adultos do gênero *Aedes sp.*, e o atraente sintético de oviposição, *AtrAedes®*, foram licenciados e usados em seis países.

“A empresa surgiu e se desenvolveu na UFMG e vai passar por um processo de internacionalização, pois a Rentokil é uma empresa grande, tem recursos para difundir essas tecnologias no mundo todo. As inovações desenvolvidas aqui ajudarão a salvar vidas e a reduzir o número de casos de doenças transmitidas pelo mosquito. Isso tudo projeta o nome da Universidade internacionalmente”, afirma Eiras.



Alvaro Eiras com o Mosquitrap®, uma das tecnologias licenciadas

Universidade que INOVA

Ranking de confederação de empresas juniores elege a UFMG como a federal que mais promove o empreendedorismo tecnológico

A UFMG é a universidade federal que mais promove o empreendedorismo entre os seus estudantes, segundo ranking da Confederação Brasileira de Empresas Juniores. O resultado do estudo foi divulgado no último dia 22, em solenidade na Câmara dos Deputados, em Brasília.

No ranking geral, a UFMG aparece em terceiro lugar, atrás da Universidade de São Paulo (USP), que ocupa a primeira posição, e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). De Minas Gerais, ainda integram a lista as universidades federais de Itajubá (Unifei) e de Viçosa (UFV), que foram classificadas, respectivamente, na quinta e na nona posições. Todas as dez instituições listadas são públicas. Veja o resultado detalhado da premiação em https://drive.google.com/file/d/1bNR_5ZyGC2uTpB4U6P2oM8AwQ9YgS78C/edit.

Retorno

Os produtos da empresa estão presentes em cerca de 100 cidades do Brasil, sendo 76 no Espírito Santo. Nos lugares em que foram instaladas, as tecnologias reduziram em um terço o número de casos de transmissão de dengue, com custo médio de R\$ 1 por habitante ao ano. No biênio 2011-2012, um projeto desenvolvido para o governo de Minas Gerais mostrou que cada R\$ 1 investido proporcionou retorno de R\$ 6 em economia para o estado no que se refere a gastos com as doenças transmitidas pelo *Aedes aegypti*.

De acordo com Álvaro Eiras, a Ecovec é uma empresa de biotecnologia que reúne as competências de vigilância epidemiológica, entomologia aplicada, biologia molecular e tecnologia da informação, aliando tecnologia de ponta e conhecimento biológico para combater os mosquitos *Aedes aegypti*, vetores de doenças como dengue, chikungunya e zika. Em 2004, a Ecovec licenciou as primeiras tecnologias da UFMG.

“Oferecemos informações precisas sobre os focos do mosquito, incluindo aqueles infectados por vírus da dengue, da chikungunya ou da zika. Com elas, os gestores de saúde podem fazer um controle mais eficiente do inseto. As informações são georreferenciadas e indicam as áreas quentes, os hotspots, onde estão as maiores concentrações do mosquito”, explica Álvaro Eiras.

Em sua trajetória, as atividades da Ecovec Brasil resultaram no recolhimento de R\$ 5,5 milhões em impostos, geração de mais de 100 empregos e R\$ 550 mil em royalties para a UFMG. “Durante a fase de desenvolvimento dos produtos, publicamos mais 45 artigos científicos, cuja produção envolveu 10 estudantes de doutorado, 12 de mestrado e mais de 50 de iniciação científica na UFMG, além de pesquisadores da Fiocruz e de outras universidades”, contabiliza o professor.

A empresa

Maior empresa do mundo na prestação de serviços de controle de pragas, a Rentokil nasceu na Inglaterra e está presente em 78 países. Com mais de 90 anos de experiência, tem hoje mais de 35 mil funcionários. A multinacional presta serviços de desinsetização, desratização, descupinização e controle de pombos em casas e empresas. No Brasil, suas operações estão concentradas em Barueri (SP), onde trabalham mais de 600 profissionais.

“Na UFMG, consideramos a empresa júnior uma atividade complementar ao ensino da graduação, um campo de aprendizado para o ensino superior”, afirma o vice-reitor Alessandro Fernandes Moreira, que representou a Universidade em Brasília. “Nesse sentido, buscamos abordar o empreendedorismo não apenas pelo viés da formação de empresários. Na UFMG, o empreendedorismo é considerado atividade integrada ao aprendizado”, explica.

O Ranking Nacional de Universidades Empreendedoras 2019, que está em sua terceira edição, tem o objetivo de reconhecer as comunidades acadêmicas que mantêm ecossistemas mais favoráveis à inovação. Neste ano, 123 universidades das 27 unidades federativas foram avaliadas. Cerca de 15 mil estudantes foram entrevistados.

Acontece

LÍNGUAS PRÉ-HISTÓRICAS

O Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT) promove, nesta terça-feira, dia 29 de outubro, a partir das 10h, no auditório B107 do CAD 3, a conferência *Taxas de propagação de línguas pré-históricas*, de Søren Wichmann, da Universidade de Leiden, na Holanda. O linguista é um dos criadores do software Automated Similarity Judgment Program (ASJP), que reúne listas armazenadas em bancos de dados com palavras de dois terços das línguas do mundo. Essas listas possibilitam inferir o momento e o local em que uma língua ancestral foi falada, o que torna possível calcular o tempo que os idiomas levaram para se disseminarem pelo mundo ao longo dos últimos seis mil anos. Wichmann vai apresentar novas ferramentas para o estudo da história das línguas, incluindo mecanismos de simulação computacional para a validação dos métodos empregados.

No dia 4 de novembro, o pesquisador vai ministrar a palestra *ASJP: an interdisciplinary tool for studies involving language differences worldwide*, a partir das 14h, no auditório Professor Baesse, da Fafich. A exposição será em inglês, sem tradução. As duas conferências são abertas ao público. As inscrições devem ser feitas pela internet <https://aplicativos.ufmg.br/conhecimento/atividades/userlogin/login>.

IMAGEM E ESCRITA

O Centro Cultural UFMG sedia, até 8 dezembro, a exposição *ESCRITA/escAPE*, da artista plástica Livia Limp. A mostra reúne trabalhos que problematizam a relação da imagem e da escrita nas artes visuais. O texto aparece nas obras mais como objeto do que como literatura, e objetos do cotidiano funcionam como um alfabeto que traduz a vida na contemporaneidade.

Por meio da apropriação de objetos novos ou corrompidos, Livia Limp constrói trabalhos que transitam entre a bi e a tridimensionalidade e que são produtos do cruzamento de vários meios, como costura, grafia, desenho, colagem e fotografia. A ideia é evidenciar a porosidade dos limites entre as linguagens, sempre usando a palavra como principal ativador poético. Livia Limp é bacharel em Artes Plásticas pela Escola Guignard, da Uemg, e fez curso de Estilismo e Modelagem do Vestuário na Escola de Belas Artes da UFMG. Protagonizou exposições individuais e participou de coletivas, no Brasil e no exterior.



Prédio do Centro Pedagógico no campus Pampulha

INSCRIÇÕES PARA O CP

O Centro Pedagógico (CP) da UFMG recebe, até 8 de novembro, inscrições para ingresso no quarto e no sétimo anos do ensino fundamental, no primeiro semestre de 2020. As inscrições devem ser feitas exclusivamente pela página da Comissão Permanente de Vestibular (Copeve). O valor da taxa de inscrição é de R\$ 70. O edital pode ser consultado em https://www.ufmg.br/copeve/site_novo/?pagina=1

Estão disponíveis três vagas para o quarto ano e outras três para o sétimo. Podem surgir vagas adicionais. O ingresso dos alunos no CP se dá por sorteio. Poderão participar do processo seletivo para o 4º ano os candidatos nascidos até 31 de março de 2011; para o 7º ano, os nascidos até 31 de março de 2008. As vagas são para tempo integral.

ORÇAMENTO LIBERADO

A UFMG recebeu, no dia 21 de outubro, a última parcela do orçamento de custeio, no valor de R\$ 24,3 milhões, que possibilitará à Universidade arcar com o pagamento de contas das concessionárias de água, energia e telefonia, das bolsas de extensão, graduação e assistência estudantil, dos contratos de terceirizados e outras despesas de manutenção. A Universidade ainda espera o desbloqueio de R\$ 10,1 milhões, referentes ao chamado orçamento de capital. Esse recurso é imprescindível para planejar a retomada de obras. Em maio deste ano, a Universidade teve R\$ 64,5 milhões bloqueados, o que representa 30% dos R\$ 215,2 milhões para custeio, previstos na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LOA). Para 2020, o orçamento ainda não está definido. A proposta anunciada no início de setembro pelo governo federal previa valores nos mesmos patamares deste ano.

CÁTEDRA DE DIREITOS HUMANOS

Em fevereiro de 2020, a UFMG vai oferecer uma escola de verão com o tema *Educação como direitos humanos*, uma de suas primeiras ações relacionadas à Cátedra Aberta de Direitos Humanos, recém-instituída pela Associação das Universidades do Grupo Montevideu (AUGM), que reúne instituições do Brasil, da Argentina, do Chile, Paraguai e Uruguai.

A reitora Sandra Goulart Almeida afirmou que a cátedra reforça o compromisso com os direitos humanos e a disposição de estabelecer cooperação entre as instituições, visando à promoção da cultura dos direitos humanos e da paz entre os povos. A cátedra terá atividades em diversas universidades, o que garantirá efeito multiplicador. A iniciativa não ficará restrita ao universo acadêmico, já que o objetivo é buscar aproximação de organismos de defesa dos direitos humanos.

BIOÉTICA

O Núcleo de Apoio à Pós-graduação (NAPG) do ICB dá sequência ao Primeiro Ciclo de Palestras sobre Bioética, que se realiza no Auditório 1A do Centro de Atividades Didáticas de Ciências Naturais (CAD 1), campus Pampulha. As inscrições e a programação estão disponíveis em <https://bit.ly/2MYCbqL>.

As exposições são feitas por profissionais de diferentes áreas, e as próximas atividades estão marcadas para os dias 29 e 31 de outubro, 5, 12 e 19 de novembro, sempre das 14h30 às 16h. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone 3409-2522 e pelo e-mail napg@icb.ufmg.br.

SOFISTICADO e IRREVERENTE

Coletânea organizada por professoras da UFMG mostra a obra multifacetada de Moacyr Scliar, marcada pela tradição judaica, pela memória e pelo humor fino

Itamar Rigueira Jr.

Em 2017, quando teria feito 80 anos, o gaúcho Moacyr Scliar (1937-2011), médico, professor, autor de romances, contos, ensaios e histórias infantis, foi tema de seminário realizado na Faculdade de Letras (Fale) da UFMG. A visão de pesquisadores da UFMG e de outras instituições sobre a obra do autor, compartilhada naquele evento, é revelada agora no livro *O olhar enigmático de Moacyr Scliar* (Quixote+Do), organizado pelas professoras Lyslei Nascimento e Maria Zilda Ferreira Cury.

Como escreve Maria Zilda no prefácio, os ensaios enfocam “o cronista corajoso, o romancista dos imigrantes, o leitor irreverente das tradições literária e bíblica, o memorialista, o humorista fino, o manejador sofisticado da língua, o escritor amoroso e compassivo, de olhar terno na direção dos mais humildes e dos marginalizados”.

De acordo com Lyslei Nascimento, Scliar inscreve-se na literatura brasileira imprimindo traços da medicina e do diálogo com clássicos como Machado de Assis e José de Alencar. “A tradição judaica é outro aporte sofisticado e importante em sua obra. Ele tanto se apropria e reescreve temas bíblicos e religiosos quanto visita aspectos caros à condição judaica, como a imigração e o antissemitismo, que se traduzem em racismo e intolerância religiosa”, explica a professora.

Moacyr Scliar conversa também, segundo Lyslei, com escritores como Franz Kafka, Saul Bellow e Clarice Lispector. Dialoga com a obra do crítico literário Harold Bloom – que inspirou o romance *A mulher que escreveu a Bíblia* – e com a do pintor Marc Chagall. “As referências à obra de Chagall são explícitas em vários textos e aparecem, de forma implícita, em personagens e cenários.”

Além dos professores da UFMG, a coletânea conta com a colaboração de pesquisadores da USP, da Unicamp, das universidades federais Fluminense, do Rio Grande do Sul e

de Uberlândia. Eles tratam de assuntos diversos como imigrantes e indígenas, utopias políticas e entrelaçamento narrativo.

Kafka e seres lendários

Maria Zilda Cury produziu para o volume o texto *Moacyr Scliar, o precursor de Kafka*, no qual defende que o autor, em novela feita sob encomenda (*Os leopardos de Kafka*, Companhia das Letras, 2000), faz uma paródia em que convivem reverência e desconstrução. “Para Jorge Luís Borges, Kafka foi um marco na literatura ocidental e ilumina regressivamente ‘precursores’, que são autores da tradição ligados ao escritor tcheco pelas idiossincrasias de estilo kafkiano”, comenta a professora. “Scliar, escritor latino-americano, judeu como Kafka, enfrenta seu legado com a ficção vista como algo sem controle, construindo sua enunciação a partir do espaço do ‘escritor menor’, na acepção de Deleuze e Guattari, em referência à obra do próprio Kafka.”

Em seu ensaio para o livro *Sobre monstros e seres imaginários na obra de Moacyr Scliar*, Lyslei Nascimento reencontra no escritor gaúcho a questão dos monstros e monstruosidades na tradição judaica, pela qual ela se interessara durante a pesquisa de doutorado sobre Jorge Luís Borges. Assim como Borges, que reescreveu, no poema *O Golem*, a lenda do gigante de barro construída pelo rabino Judá Leão, de Praga, Scliar se apropria da história para o livro *Cenas da vida minúscula*. Ele localiza a criatura, ironicamente um “Pequeno Polegar”, no Brasil.

“Outras criaturas instigantes aparecem na obra de Scliar, como centauros, canibais e estranhos anões que vivem em televisores. Lendários ou imaginários, esses seres chamam a atenção, paradoxalmente, para nossa humanidade, nossa capacidade de coexistência e de amor”, afirma Lyslei. Ao

tocar no tema da relação entre criador e criatura, continua a professora, essas citações “reverberam a criação do homem, na Bíblia, e, a partir daí, surge a questão da ética, do ofício do artista e do escritor, assim como reflexões sobre a onipotência e a intolerância que sempre assombraram a humanidade”.



Scliar: reflexões sobre ética e intolerância

Livro: *O olhar enigmático de Moacyr Scliar*

Organizadoras: Lyslei Nascimento e Maria Zilda Ferreira Cury

Editora: Quixote+Do, com apoio do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários e do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG

277 páginas / R\$ 35

Lançamento: 31 de outubro, às 19h30, na Academia Mineira de Letras (R. Bahia, 1.466)